

EDUCAÇÃO MULTICULTURAL: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA LIBERTADORA À LUZ DE BELL HOOKS

Ayla Mickelle Pinheiro do Nascimento ¹

Andressa Valeria Silva Costa ²

Daniel Schiochett ³

INTRODUÇÃO

A presente comunicação defende uma educação antirracista a fim de que se atinja uma educação para a liberdade. Vivemos em uma cultura marcada pela dominação, logo é plausível se perguntar como vivendo com esses valores é possível uma educação comprometida com a liberdade. Nosso texto tem por objetivo expor a perspectiva de uma sala de aula multicultural para que assim haja uma educação libertadora, e a sala de aula se torne, assim, um lugar seguro para aprendizagem.

O pensamento de Bell Hooks, que tanto contribuiu para a construção de uma educação antirracista, serve de base para o presente texto na medida em que apresenta proposições para uma educação antirracista e possibilita a construção de uma educação para a liberdade.

REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO

Na obra “Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade”, Bell Hooks traz o termo “educação multicultural” que implica em um “conjunto de culturas em contato, mas sem se misturar: pois trata-se de várias culturas no mesmo patamar.” Apesar de ser um tópico presente em nossa sociedade, principalmente na educação, ainda não se é discutido o suficiente acerca de como o contexto da sala de aula pode ser modificado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para que grupos não brancos se sintam respeitados por sua experiência e realidade social, é preciso reconhecer que o estilo de ensino tem que mudar. Muitos professores se incomodam com a ideia de uma educação multicultural pois têm medo de perder o controle da turma caso não haja um modo único de abordar uma temática. Assim, para que existam modos múltiplos e referências variadas para abordar uma temática, é preciso que haja um espaço de escuta e aprendizado para os professores, no qual eles possam expressar seus medos em relação a uma nova perspectiva e possam aprender

estratégias para construir uma educação libertadora. Isso vai garantir também que os alunos, depois, se sintam também confortáveis para expressar opiniões e não apenas ouvir e concordar com tudo que é dito no espaço da sala de aula, que deve ser um lugar seguro para aprendizagem.

Quando se pensa em acabar com o racismo, também se deve pensar em acabar com o sexismo e o sistema de exploração de classe, pois ao se estar ciente de que vivemos em uma cultura de dominação, é possível se perguntar como vivendo com esses valores é possível refletir no compromisso com a liberdade. A sociedade se diz comprometida com a liberdade e a justiça, mas o modo de vida, os valores e os hábitos do dia-a-dia, sejam na vida pública ou privada, ajudam a manter essa cultura de dominação, ajudam a criar um mundo sem liberdade. Hoje em dia vivemos em uma sociedade em que pessoas querem recuperar valores antigos, sendo que estes valores levam à manutenção desse sistema de dominação, do racismo, do sexismo e da exploração de classe. Assim, estas pessoas, sem perceber, acreditam que a dominação é algo natural e faz parte da nossa sociedade. Esse é o motivo pelo qual, apesar de tantas pessoas rejeitarem esses valores, a nossa sociedade ainda ser racista e estar tão distante daquele tipo de liberdade defendido por Paulo Freire. Na medida em que estes valores ainda estão presentes no nosso cotidiano, percebemos que a sua rejeição ainda não é uma rejeição completa.

A educação como prática libertadora é um trabalho desenvolvido por Paulo Freire, que vislumbra a educação como um ato libertador. Ele via nas pessoas que possuíam algum grau de dificuldade de aprendizagem não a falta de capacidade de aprender, mas sim um histórico de exploração e dominação operado por determinados grupos sociais. A educação deixa de ser uma prática para a liberdade, deixa de ser uma forma de partilha de conhecimento e informação e de formação de seres pensantes quando ela é deturpada pela dominação presente na sociedade. Desse modo, ela se torna um lugar de propagação de valores que tolhem a liberdade, como o racismo, o sexismo e o imperialismo.. Há uma necessidade da sala de aula multicultural de repensar os modos de conhecimento e pensar uma transformação das salas de aula, de repensar o como ensinamos e o que ensinamos. No entanto, pensar em um ambiente escolar antirracista assusta os professores. O medo da diversidade cultural e o reconhecimento de preconceitos na sala de aula cria medo e confusão. Muitos professores têm receio de admitir suas limitações de conhecimento e assim perder sua autoridade em sala. E o mais errôneo é se pensar que ao estudar uma diversidade multicultural, e criar uma educação antirracista, irá substituir um bloco de pensamento por outro, quando a ideia é que se estude todas as ideias, para ter diferentes referências de conhecimento, para além do eurocentrado. É

necessário que o corpo docente desaprenda o racismo, para criar uma experiência democrática de aprendizado.

Pensar em uma experiência democrática em sala de aula, onde os alunos desenvolvam o pensamento crítico e se sintam seguros para falar, ajuda a acabar com o silenciamento desses alunos, especificamente dos alunos que são minorias sociais, que não se sentem confortáveis em falar por acharem que são intelectualmente inferiores. Com uma pedagogia transformadora é possível que essas vozes sejam ouvidas. A descentralização do conteúdo que é ensinado em sala, aliada uma perspectiva multiculturalista faz com que os docentes busquem olhar para essas minorias e cuidar para que todos os alunos sejam também atores na aprendizagem em sala de aula, e não apenas ouvintes passivos que apenas concordam e nunca falam.

Como criar mecanismos e ferramentas viáveis para ir contra as práticas predominantes em nossa formação enquanto professores? pensar em práticas que trazem responsabilidade ética, uma postura humanizada que busque compreender o aluno e professor, e pensar fora de uma perspectiva em que exista uma hierarquia entre esses papéis, onde professores são superiores e alunos seus subordinados. É necessário fugir dessa separação entre alunos e professores, onde alunos são vistos como seres que estão em sala de aula apenas para aprender o conteúdo ensinado, e que nada tem a contribuir com a aprendizagem em sala de aula.

Ao pensar em uma educação multicultural pensamos nas vivências que tivemos em uma escola de tempo integral, localizada no bairro Liberdade, maior quilombo urbano das Américas. Dentro dessa escola, pudemos presenciar uma forma de educação multicultural, em que professores e alunos procuravam trazer o quilombo para dentro da escola, para que os alunos pudessem ter a ancestralidade dentro do espaço de aprendizado. Essa experiência nos fez perceber que é essa educação é possível, que outras formas de conhecimento também são possíveis para além do referencial eurocentrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que já foi apresentado, é notório que Paulo Freire e Bell Hooks deixam um legado no campo da educação ao defenderem uma educação para a liberdade. Bell Hooks aponta caminhos para uma educação antirracista quando diz que é necessário haver uma mudança no estado atual para que haja uma mudança no processo pedagógico. Em sua obra "Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade" ela traz a ideia de que

ensinar é um ato de resistência, e que através da pedagogia transformadora é possível garantir a participação o compromisso entre professores e estudantes em sala de aula. Para isso, é necessário estarmos inteiros de corpo, mente e espírito no decorrer do processo de ensino e aprendizagem. A autora faz uma crítica à separação entre o corpo e a mente (um resquício do pensamento ocidental). Bell Hooks defende a integridade, que só está presente quando há concordância entre o que falamos, pensamos e fazemos.

Para concluir, uma educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender, considerando que o ensino é, de forma ideal, uma profissão de cuidado. Que possamos caminhar com esperança, comprometidos com o fim da dominação em todas as suas formas, cumprindo o objetivo de educar nossos estudantes não para dominá-los, nem para torná-los dominadores, mas criando condições para liberdade. Nesse horizonte, uma educação antirracista é fundamental para que se possa caminhar em um futuro menos desigual, um futuro de liberdade. Como afirma Bell Hooks:

A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2013, p.273)

Palavras-chave: Educação Multicultural; Liberdade; Diversidade; Aprendizagem, Inclusão.

REFERÊNCIAS

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Editora: WMF Martins Fontes. São Paulo, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986